

FESTIVAL DO FILME ANARQUISTA E PUNK DE SP



ANARCOFILMES E DO MORRO PRODUÇÕES / verão de 2017



EDITORIAL

Desde 2012 temos organizado anualmente em São Paulo o **Festival do Filme Anarquista e Punk**, abrindo inscrições para envio de filmes do mundo todo produzidos por companheirxs de outras partes, exibindo produções com temáticas relacionadas às lutas libertárias e também de coletivos de vídeo popular envolvidos em movimentações políticas e culturais pela cidade. De lá pra cá passamos por vários espaços, como o **Centro Anarquista Ação Direta (CAAD)**, **Tendal da Lapa**, **Centro Cultural da Juventude**, e agora em 2017, no **Centro de Cultura Social** – sempre a partir de uma organização horizontal e autogestiva, pautada na ideia de faça-você-mesma e sem financiamentos, lucros e verbas.

Em cada uma das edições, buscamos abrir espaço para debates e reflexões sobre o audiovisual anarquista e sua vinculação com as lutas sociais, e incentivar o uso dessa ferramenta em nossas movimentações. Junto a isso, também rolaram durante esse tempo algumas mostras itinerantes que organizamos em conjunto com

coletivos locais em algumas cidades do Brasil, como **Natal, Brasília, Salvador, Goiânia, São Luís, Recife e Berlin**, e também oficinas técnicas de áudio e audiovisual, sempre pensando em fortalecer e ampliar as movidas locais e compartilhar conhecimentos, experiências e produções libertárias.

A ideia começou com os projetos de audiovisual libertário **Anarco-Filmes e Do Morro Produções**, e com o apoio de sempre do **Projeto Espremedor**, e com o passar dos anos outras pessoas foram se envolvendo. Pouco a pouco, com a consolidação de um coletivo organizador fixo, nossas reflexões e inquietações sobre o assunto foram se ampliando, trazendo novas ideias e necessidades. No IV Festival, que rolou em dezembro de 2015, fizemos uma conversa com participação de integrantes do coletivo organizador, focada na produção audiovisual anarquista na atualidade. Este zine reúne um pouco do que foi conversado nesse debate e muitas das questões e ideias que surgiram a partir de então, e tem

como objetivo incentivar o surgimento de novas produções, realização de festivais locais, e ampliação das reflexões sobre esta ferramenta.

Para entrar em contato é só escrever para festival@anarcopunk.org, ou para mais ver mais informações, histórico e filmes já exibidos nas edições anteriores, acesse anarcopunk.org/festival.

* A arte da capa foi originalmente publicada no cartaz da sétima edição do Festival do Filme Anarquista de Chicago/EUA.



ANARQUISMO E AUDIOVISUAL

APROXIMAÇÕES, DESENCONTROS E RUMOS NA ATUALIDADE

Muito antes do nascimento do cinema, a arte e suas diversas formas de expressão já eram alvo das reflexões anarquistas, que se voltavam para o potencial da literatura, teatro, etc. como **meios de fomentar mudanças sociais**.

O cinema nasce em **1895 na França**, mas **a princípio não será bem querido pelxs libertárixs**: em partes, a desconfiança que tinham vinha do fato de que era frequente desde o princípio o uso de fotografias e filmagens pela polícia para identificação e criminalização de militantes, e operadorxs de cinema eram inclusive consideradxs como potenciais ajudantes

da polícia. Outras críticas que existiam eram a predominância dos interesses comerciais nas produções cinematográficas, o conseqüente caráter manipulador, a imagem ruim que muitos destes filmes davam ao povo, a anarquistas e a movimentos sociais, e mesmo a exploração sofrida por trabalhadorxs da área.

Apesar desse distanciamento, existem relatos de que anarquistas estavam mais envolvidos no nascimento do cinema do que poderíamos imaginar. Segundo o livro **Cinema e Anarquia**, de **Isabelle Marinone**, o mecânico de precisão **Paul Delesalle**, um anarcosindicalista que trabalha-

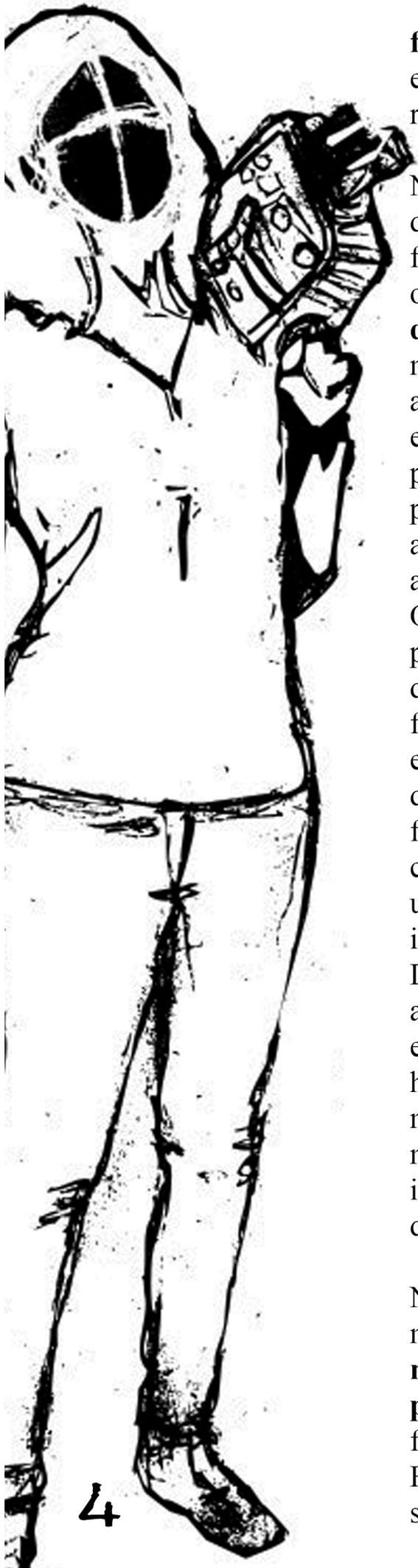
-va para um engenheiro construtor de máquinas e instrumentos de precisão naquele período, acabou trabalhando no projeto de construção do primeiro cinematógrafo, projeto dos irmãos Lumiere em 1885. Delesalle encontrou problemas no projeto original, e fez ajustes para que funcionasse corretamente. Estes ajustes teriam sido essenciais para o funcionamento do primeiro cinematógrafo, muito embora Delesalle nunca tenha sido mencionado como parte dessa história.

Passados alguns anos, o cinema começa a ser pensado com outros olhos. Já em 1908, o jornal *Le Libertaire* faz menções a projeções realizadas por anarquistas como forma de **ilustrar suas palestras**. Um pouco mais adiante, vai surgindo na França a proposta do uso do **cinema com finalidades educadoras**. Enquanto algumas reflexões seguiam no sentido do cinema como meio de educação para crianças e jovens, focado na **pedagogia libertária**, outras propostas se voltavam para seu uso junto a classe trabalhadora.

Em 1913 se inicia o primeiro projeto militante anarquista francês que fazia uso do recém-nascido cinema: o **Cinema do Povo**. Foi uma cooperativa formada por cerca de 20 pessoas, que produziu principalmente filmes de ficção falando sobre os problemas da classe trabalhadora e direcionados para a própria. Esta experiência termina com a chegada da Primeira Guerra, mas apesar do curto período de existência deixou diversas produções. Mais adiante, em 1921, Gustave Cauvin organizaria na França o **Cinema Educador**, também focado em filmes pedagógicos.

Outro momento histórico importante para o audiovisual anarquista foi durante a **Guerra Civil Espanhola** na década de 30, com a socialização da produção de filmes e entretenimento. Nesse contexto, salas de teatro e cinema passam para as mãos dxs trabalhadorxs em vários locais, e começam a ser produzidos dezenas de filmes de propaganda revolucionária, documentários e outros. Só em Barcelona





foram feitos 46 filmes no período de 1 ano, e até hoje estes são os principais registros que temos da Espanha revolucionária.

No Brasil das últimas décadas, algumas das expressões de audiovisual que foram incentivando o uso das câmeras foram as bandas punks com seus primeiros **videoclipes**, e os protestos, atos de rua e eventos libertários como **foco de registro** – mesmo que de forma mais reduzida pela maior dificuldade de acesso a equipamentos nas décadas anteriores. Se por um lado muitas vezes essas filmagens eram simples registros de algo, sabemos também de experiências de sistematização desses registros e memórias pra criação de documentários sobre cena punk ou anarquismo, já nos anos 80 e 90 – o que viria a se ampliar a partir dos anos 2000.

Quanto aos videoclipes punks, é preciso lembrar que, a princípio, foram feitos por grandes gravadoras, no caso das bandas que caíram nestes circuitos. Mas o que nos faz falar deles é o fato de que, com a popularização dos vídeos em geral e surgimento de meios midiáticos que davam destaque a eles, a cultura punk se vê de alguma forma “representada” na TV, – muitas vezes não da forma como gostaríamos –, e possivelmente esse momento seja um dos pontos chave onde nos vemos na tela e nos imaginamos nela também de outras maneiras.

De toda forma, com todas as dificuldades que existiam no acesso a equipamentos, fomos pouco a pouco nos apoderando das câmeras como forma de contar nossas histórias. As aproximações de anarquistas com essa ferramenta continuaram existindo nos mais diversos lugares e momentos históricos, chegando aos dias de hoje com existência de festivais de filme anarquista e produções audiovisuais sendo realizadas e exibidas mundo afora.

Não caberia a este pequeno zine traçar todo este histórico, mas **a opção por lembrar estas primeiras aproximações entre anarquismo e cinema, vem também para que ressaltemos a diversidade de funções** que esta ferramenta foi ganhando com o passar do tempo. Se na França das duas primeiras décadas do século XX, seu uso se voltou para finalidades pedagógicas, na Espanha de

1936 a necessidade de intensa propaganda anarquista levou as produções para outro sentido. Isto nos mostra o quanto **o contexto, a realidade e as necessidades que as lutas locais trazem, podem modificar a forma como usamos o vídeo como ferramenta de luta, e o quão versátil essa ferramenta pode ser.**

Na atualidade, diversas funções têm sido dadas a ela: romper o monopólio midiático por meio de mídias independentes e formas horizontais de comunicação/novas abordagens jornalísticas; denunciar questões sociais diversas; registrar as lutas populares e conta-las a partir de nosso viés; resgatar histórias deixadas de lado ou distorcidas pelos grandes meios de comunicação; controlar e denunciar ações policiais em manifestações; divulgar atividades nas ruas via internet em tempo real; provocar reações e reflexões nas pessoas e catalisar discussões mais profundas; gerar debates coletivos em cineclubes e espaços de exibição; apoiar processos de aprendizado e ensino; expressar artisticamente questionamentos e ideias, e por aí vai. Enfim, enquanto

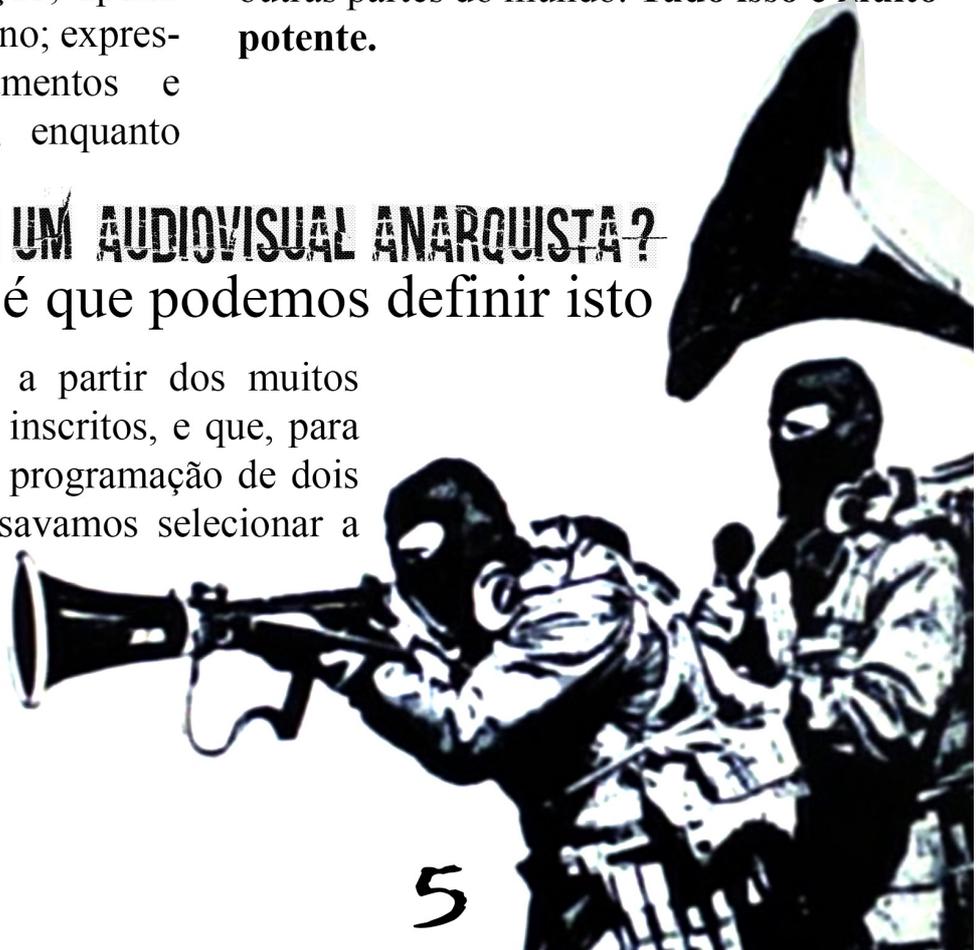
anarquistas podemos nos apropriar do vídeo de inúmeras formas e com inúmeros propósitos, e isso faz dessa ferramenta ainda mais interessante. Sempre vão existir histórias anarquistas pra contar ou ideias pra expressar, a partir do momento em que nos mantemos sempre em movimento, sempre criando, rompendo, construindo e subvertendo nossos contextos... E se isso é contínuo, sempre vão surgir novas experiências e aprendizados, coisas que podem ser compartilhadas com outras pessoas, inquietações que podem ser semeadas. E o registro disso sempre será importante, o vídeo é um meio de capturar estes momentos e memórias, de expressar por meio de imagem as questões que temos em mente. **E o alcance disso foge totalmente do nosso controle**, se espalha e chega a locais onde não chegaríamos fisicamente ou não imaginaríamos chegar, atinge pessoas que não conhecemos e nem vamos conhecer, cataliza discussões e debates em outras partes do mundo. **Tudo isso é muito potente.**

MAS AFINAL, O QUE SERIA UM AUDIOVISUAL ANARQUISTA?

- se é que podemos definir isto

Essa questão surgiu para nós a partir dos muitos filmes que todos os anos eram inscritos, e que, para que fosse possível caber numa programação de dois ou três dias de Festival, precisávamos selecionar a partir da proposta do evento.

Por mais que o significado pareça implícito na própria palavra, como algo óbvio, fazer essa definição é mais difícil do que parece. Seria aquele filme feito exclusivamente por in-



-divíduos ou coletivos anarquistas? Ou poderia ser aquele que, independente do direcionamento político de quem o faz, trás em si questionamentos, reflexões e ímpetos libertários? Precisa tratar diretamente de ideias anarquistas ou histórico das lutas sociais no mundo, ou pode se focar em qualquer outra temática como forma de expressão? Um filme com temática ligada ao anarquismo também pode não ser especificamente anarquista dependendo da forma como foi produzido? E a forma como é produzido tem importância nestas questões? Essas produções se encaixariam na ficção, no documentário, ou em algum gênero específico ou em todos eles? Existiria alguma estética, linguagem ou característica que o defina? Essas produções tem alguma função específica ou podem ter múltiplas funções conforme o contexto? E quando pensamos de forma mais abrangente sobre o que é produção cinematográfica, quais são as ferramentas, equipamentos e disparadores que fazem ou não fazem cinema? O que classifica “isso é audiovisual”? “Isso não é audiovisual”? São equipamentos? São marcas? São tecnologias ou técnicas específicas? São pessoas instrumentalizadas com cursos específicos? Ou não apenas? Todos esses conceitos envolvem exclusões e inclusões do que é esse material, essa linguagem, essa expressão artística.

Para responder a essas perguntas poderíamos seguir para vários caminhos e na realidade **em cada contexto e momento histórico seria possível dar diferentes respostas a elas**, e mesmo nos deparar com outras perguntas e inquietações bem distantes das que apresentamos até aqui. De toda forma, **não queremos colocar a ideia do audiovisual anarquista como um gênero cinematográfico** – um filme que você olha a sinopse e está escrito “drama, 58min., anarquista”. Também não acreditamos que seja possível criar uma definição única e fechada do que seja isso, porque ao fazê-lo estaríamos negando as inúmeras possibilidades e diversidade de formas que pode ter, matando assim todo o seu potencial. Consideramos o audiovisual anarquista muito mais



como uma **PRÁTICA**, que deve estar necessariamente inserida em um determinado contexto de luta, e ter suas necessidades específicas levadas em conta. É a partir dessas necessidades que vão surgir as respostas sobre qual a melhor linguagem, gênero, formato, estratégia, etc. para o filme que será produzido, qual a melhor forma de comunicar o que se pretende, como, onde, porque. E assim as possibilidades de uso do audiovisual se tornam múltiplas, livres, e muito mais eficazes. Produzir material audiovisual libertário também pode ser puramente registrar as memórias da história anarquista e suas diversas bandeiras como o feminista, o antirracismo, as ações anti homofóbicas, os movimentos pela revolução agrária, a causa indígena, os quilombos, as ações anti-policia e anti-carcerárias, etc., que no cotidiano se dão dentro da luta revolucionária. É um documentário, um vídeo poema dadaísta, animações stop motions ou um videoclipe.

Assim, entendemos o audiovisual como uma **ferramenta de luta**. Pode ser o que queremos que seja, pois o audiovisual é uma ferramenta e assim como um martelo ou uma mesa cada pessoa usa essa ferramenta como bem entende e nós a usamos de forma horizontal, tratando sobre assuntos que nos motivam e inspiram. Não é ignorar toda uma história tecnológica e artística mundial, que tem suas importâncias e especificidades, mas fato é que unindo frames e dando o movimento a imagem, isso já é audiovisual – e nossas preocupações e criatividade a partir disso seguem os rumos da busca por formas livres de existir, se organizar, conviver e habitar o mundo.

As reflexões que fazemos são inteiramente ligadas ao nosso contexto próprio, e as experiências práticas que tivemos no decorrer dos últimos anos com exibição e produção audiovisual dentro das movimentações anarquistas e punks. Sendo assim, continua sendo importante que em cada realidade existam novas respostas, debates e reflexões, que levem em conta as necessidades e urgências do momento, do local e da realidade em questão. Nossas experiências neste sentido não têm um viés acadêmico ou cineasta, pelo contrário levam em conta diretamente as ideias de **faça-você-mesmx, autodidatismo, compartilhamento de conhecimentos, e das práticas que surgem a partir das lutas**. Com base nessas experiências, acabamos por encontrar algumas indicações que podem trazer possíveis respostas, contribuir com novas reflexões, ou ao menos trazer novas perguntas – e este zine está repleto delas!

Se pensamos no audiovisual anarquista como uma prática, a primeira coisa que vem a tona é o próprio **processo de produção**. É importante pensar em como o filme está sendo feito não só nas questões técnicas, mas nas relações entre quem o faz: **no ato de fazer já se encontra nosso projeto político, e não apenas no conteúdo ou no objetivo final**. Assim, buscamos formas de organização e produção dos filmes que levem em conta relações horizontais, autogestivas, sem hierarquias, com decisões baseadas em consenso. As produções anarquistas se tornam um **processo coletivo**, desafiando a forma tradicional e **hierárquica do cinema capitalista**.

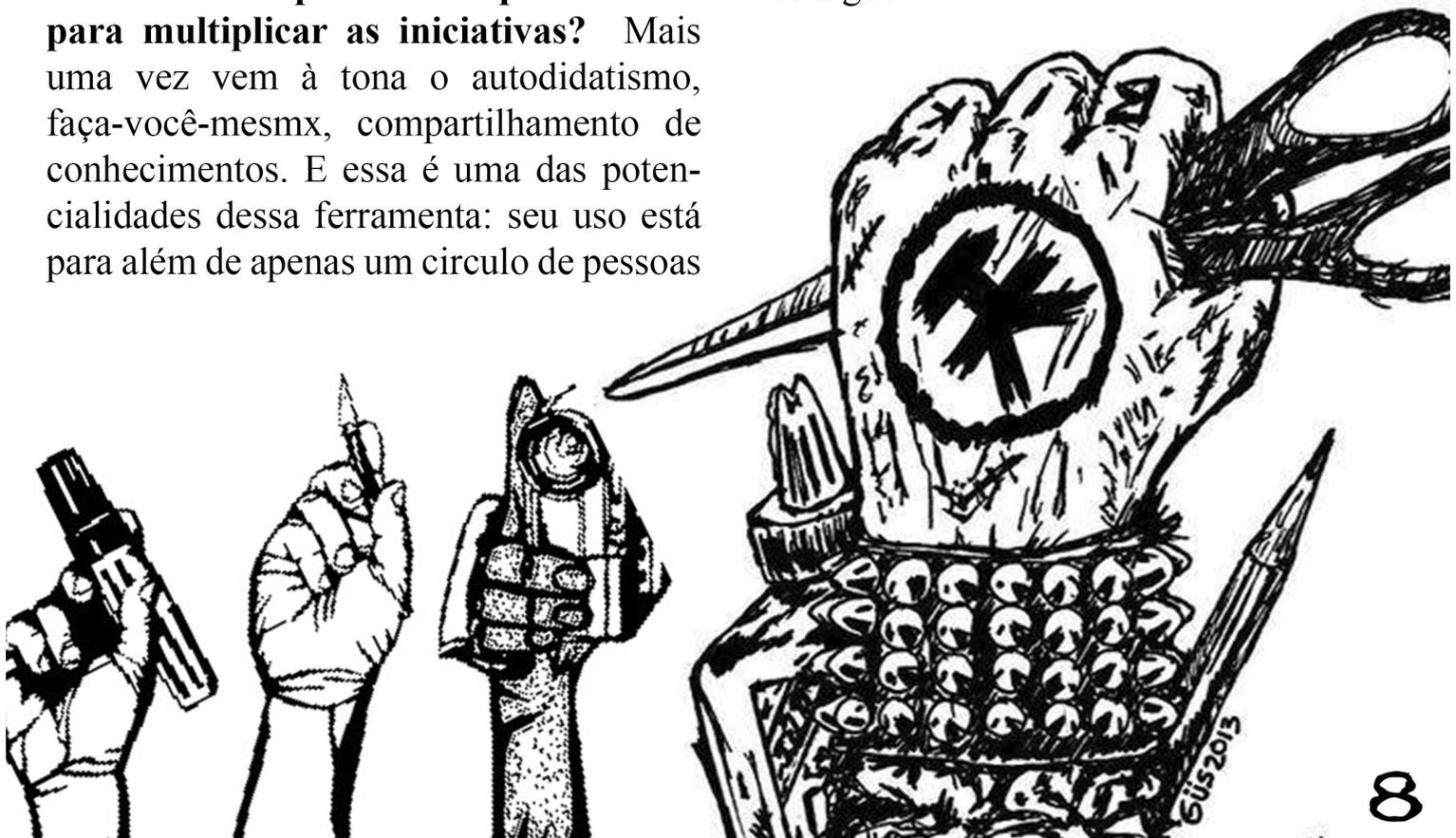
Acreditamos que nossos meios devem estar de acordo com nossos fins, e por isso, assim como propomos para os coletivos, projetos e atividades coletivas em que estamos envolvidos, pensamos na importância de que isto se aplique também neste caso.

Aqui entra ainda a importância de refletirmos sobre **o que o filme propõe**, sobre o que nos propomos ao fazê-lo: fazer uma provocação para a ação? Retratar as lutas? Servir como instrumento de educação? Propaganda? O contexto com certeza vai trazer respostas para isso. De toda forma é sempre importante pensarmos no porque estamos fazendo, quais nossos objetivos, como isto pode apoiar nossas lutas.

As formas de se passar adiante para outrxs companheirxs os conhecimentos técnicos e teóricos sobre produção audiovisual também estão inclusas nisso: se acúmulo de conhecimento significa poder, **como difundir e compartilhar o que sabemos para multiplicar as iniciativas?** Mais uma vez vem à tona o autodidatismo, faça-você-mesmx, compartilhamento de conhecimentos. E essa é uma das potencialidades dessa ferramenta: seu uso está para além de apenas um círculo de pessoas

com conhecimentos acadêmicos ou técnicos mais profundos. **A ideia de faça-você-mesma se aplica muito ao audiovisual:** pessoas e coletivos que sentem a necessidade de expressar suas ideias e propostas por meio do vídeo, e que se aventuram a aprender na prática.

Outra questão no mesmo sentido é sobre **como o filme dialoga e se comunica com as pessoas que o assistem**, buscando uma preocupação maior com a relação entre vídeo e espectador. Seria possível romper a posição de autoridade daquela pessoa que comunica algo ante aquela que apenas assiste e recebe esta suposta “verdade” comunicada? Seria possível criar uma via que não seja apenas de mão única, mas que possibilite diálogo e comunicação mútua entre quem produz o filme e quem assiste? Como possibilitar que espectadores sejam participantes ativos? Como tratar as pessoas que assistem suas produções para além de merxs consumidorxs de algo?



E quanto às pessoas que participam do filme, seja como entrevistados, atores, etc? Pensar na relação entre quem faz e quem participa, por meio de uma **produção compartilhada e horizontal**, é mais um ponto de reflexão importante. Quando filmamos o depoimento de uma pessoa, ela comunica algo que deseja falar. Porém somos nós, que estamos fazendo o filme, que iremos escolher o enquadramento, possivelmente fazer perguntas que levarão a conversa para determinado rumo, e por fim fazer a edição. E nesse processo todo, acabamos por dar um direcionamento nosso para o depoimento; e a edição, reunindo diversos depoimentos e imagens, por fim vai criar uma **narrativa construída por nós mesmos**. Isto pode ou não estar de acordo com o que as pessoas que participam esperavam, e é aí que entra

a importância de possibilitar diálogos e espaços horizontais em que estas outras pessoas tenham voz e participação. Pensar nisso, além de ser algo respeitoso com as pessoas envolvidas, possibilita mais uma vez romper relações de hierarquia e autoridade no processo de produção, e evita possíveis apropriações e distorções.

Aqui ainda surgem mais questões, relativas à segurança. Como falamos antes, as tecnologias tem sido apropriadas desde sempre pela polícia e Estado para criminalizar movimentos sociais e todas aquelas pessoas que de alguma forma se tornam um “incômodo” para a lógica de funcionamento do sistema.

Filmagens, fotografias, gravações e outros meios de registro **são instrumentos privilegiados de controle e investigação policial**. Sendo assim, é preciso ter isso em mente durante todo o processo de produção de um filme, ou mesmo no registro de atividades e eventos. Avaliar se estamos expondo pessoas contra suas vontades, se podemos coloca-las em risco de alguma forma, se elas estão de acordo em aparecer no filme, e por aí vai. **Cultura de segurança** é algo de extrema importância em nossas ações políticas, e para além de colocarmos isso em prática e refletir mais a respeito, é preciso que criemos mais espaços coletivos de discussão, inclusive em nossas produções em vídeo.





E já que entramos na questão das tecnologias, mais algumas problemáticas vem à mente. A lógica de consumo do capitalismo se reflete de forma brutal na tecnologia: estamos a todo momento sendo bombardeados por mais e mais tecnologias ultramodernas, que se por um lado facilitam, por outro criam necessidades antes inexistentes. A cada dia novos computadores, câmeras, softwares e equipamentos são criados, e pouco a pouco o que usamos se torna obsoleto e precisamos de novos equipamentos, mesmo contra nossa vontade – já que pra editar o material que filmamos com a câmera X que tem a qualidade que consideramos boa, precisamos do software Y, que só roda no computador Z, e assim por diante. São **demandas ditadas pelo capitalismo**, e para produzir filmes muitas vezes acabamos ficando inteiramente dentro dessas demandas. Enquanto a indústria fala em 4k, 8k e por aí vai, a periferia está acessando vídeos em MP4 e só acha que 4k é bom pois o mercado de produtos eletroeletrônicos discursa isso aos quatro ventos, mas ninguém explica que tanto faz, pois a diferença está no que se pretende com um vídeo, tanto para quem produz, quanto para quem o assiste.

Neste contexto, como podemos nos apropriar das tecnologias sem que estas demandas tecnológicas acabem por se tornar mais importantes do que nossas demandas de luta? Isso é possível de alguma forma? Podemos criar para além dos padrões de qualidade de imagem ou mesmo explorando o não padrão e a suposta “falta de qualidade”? É possível construir nossos próprios equipamentos a partir de coisas obsoletas – alguns amigos tem tido resultados muito interessantes nesse sentido!

No fim das contas, não importa se uma produção audiovisual foi registrada por uma câmera VHS, super 8 (que agora tá na moda), um equipamento digital amador, um celular, uma broadcast ou mesmo por um modelo cinema digital. A questão está muito mais nos conceitos, fundamentos e praticas anarquistas e subversivas nas relações e processos que envolvem a construção de um filme ou vídeo. O olhar técnico e artístico sobre qualquer obra audiovisual é a instrumentalização que consideramos importante. Assistir a um vídeo entendendo o que está sendo proposto em seu roteiro, as ideias que estão colocadas ali, e até mesmo saber como o material foi

feito, isso é o essencial antes de qualidade de imagem ou se o vídeo foi feito com uma câmera digital ou analógica. Queremos mais é que filmes e vídeos sejam feitos de forma horizontal, pensados e produzidos pelas pessoas que vivem ou apoiam esta ou aquela luta. Cairmos em discursos elitistas de que tal câmera é melhor que outra ou que “tem que ser em alta definição” só distancia da favela uma linguagem artística que já surge e se mantém simbolicamente como algo que não podemos acessar de outra forma que não seja como merxs expectadorxs.

Outro braço deste mesmo problema se encontra na **imposição de padrões estéticos pela grande indústria cinematográfica e meios de comunicação**, que colocam em pauta questões inteiramente relacionadas com as necessidades do mercado. Televisão, cinema “hollywood” e grande indústria do cinema acabam ditando a forma ideal de filme a tal ponto que quando percebemos estamos reproduzindo estas mesmas estéticas e padrões em nossos filmes, sem sequer perceber. Nossos olhos acabam sendo moldados sem que sequer percebamos isto. Rever e desconstruir nossos olhares é algo de extrema importância, se queremos comunicar visões libertárias. Assim, será possível construir uma estética que possa romper com os padrões comerciais de produção, e recriar nossos imaginários a partir de horizontes de liberdade. **Este talvez seja um dos exercícios mais difíceis que podemos fazer:** vai muito além de qualquer habilidade técnica, está entranhada em nossos corpos.

Desde o início do século XXI, os equipamentos e programas de computador que antes eram restritos a produtoras de tv e empresas do ramo, começaram a ser popularizados nos nichos de mercado e com isso (quase 20 anos depois) podemos ver alguns resultados práticos. Temos cada vez mais coletivos e sites autônomos relatando os fatos históricos e a partir de suas óticas políticas ou mesmo a crescente produção artística de sujeitos não compatíveis com o mercado que antes se viam apagadxs ou deixadxs para trás pela linguagem do audiovisual. Hoje temos uma grande demanda de material produzido com temáticas combativas e anticapitalistas e junto a isso se formou todo um público que assiste a esse tipo de material sem termos grandes empresas, emissoras de tv ou publicitários envolvidos nesse processo.

Mas, para não dizer que tudo está caminhando bem, por vezes a difusão do material chega a ser mais trabalhosa e cara do que a produção do mesmo. Se pensarmos nas etapas para um vídeo chegar até a pessoa que o assiste temos a roteirização da ideia, a captação das imagens e áudios para o vídeo, a montagem e edição disso tudo, a divulgação desse novo material e a difusão dele... Se já não bastasse todo um caminho forjado para colocar um vídeo na rua, **temos um desafio que talvez seja o maior deles que é a difusão.** Como assistir a um vídeo hoje sem se pensar em youtube, netflix, vimeo e outros sites famosos? É possível criar nossas próprias redes autônomas de difusão e compartilhamento?

Na era das redes sociais e da internet, com uma espécie de “isolamento digital” que tem sido fruto dessas novas lógicas, os cineclubes já não mantêm os mesmos números de frequentadorxs que antes e as trocas de materiais libertários em formato físico também caíram bastante. Se outrora o ato de assistir um filme era algo muito mais coletivo, já que demandava um telão ou projetor – seja nos cinemas ou em cineclubes, seja com finalidades de entretenimento ou para debates e reflexões – hoje foi se tornando algo a se fazer de forma cada vez mais individual, em nossos computadores portáteis e celulares. E isso tem se refletido muito na frequência das pessoas em espaços de exibição fora dos grandes circuitos comerciais, como os cineclubes. Acreditamos que os festivais de filmes anarquistas pelo mundo, assim como as mostras e cineclubes que resistem, fazem parte da saída que pretendemos. Resta pensar em como articular esses espaços, criar nossos vínculos, atar nossas redes.

Enfim, como dissemos no início, este pequeno zine trás muito mais perguntas do que respostas. Mas são questões que acreditamos serem pertinentes e que, por outro lado, podem e devem ter infinitas respostas conforme cada contexto. É uma pequena contribuição que fazemos para que as produções audiovisuais anarquistas se ampliem, multipliquem e espalhem, e que novas reflexões sobre essa ferramenta possam surgir.

Por essência, acreditamos que o vídeo anarquista não deve ter fórmulas, regras ou métodos únicos, deve ser plural, diverso e livre. Sendo assim, que mais e mais inquietações e questões continuem surgindo!

4º FESTIVAL DO FILME ANARQUISTA E PUNK DE SÃO PAULO
4 a 6 DE DEZEMBRO DE 2015

NEM PERSEGUIÇÕES, NEM MONTAGENS: LUTAR NÃO É CRIME!
Prévia do III Festival do Filme Anarquista e Punk de SP

OFICINA DE AUDIO
A oficina tem o objetivo de transmitir por meio de atividades práticas e teóricas, os conceitos básicos do universo do áudio

DIA 20 DE MAIO 14 HORAS

HISTÓRIA E LINGUAGEM DO AUDIOVISUAL

VI festival do filme anarquista e punk
2 e 3 de dezembro 2017

ANARCO.PUNK.ORG/FESTIVAL
Centro de Cultura Social | general jardim, 253 sala 22

VI FESTIVAL DO FILME ANARQUISTA E PUNK DE SP
2 e 3 de dezembro de 2017

OFICINA DE AUDIO
10 de dezembro de 2016

INSCREVA SEU FILME!

até 30 de agosto pelo site anarcopunk.org/festival

3 e 4 de dezembro, 2016

I Festival do Filme Anarquista e Punk
14, 15 e 16 de dezembro 2012

Filmes, Debates, Palestras, Oficinas, Exposições

FASCISMO NUNCA MAIS

anarcopunk.org/festival

Local: Centro Anarquista Ação Direta
Rua Dr. Almeida Lima, 434 - Brás

Organização: Imprensa Marginal/Anarco.Filmes & Do Morro Produções

DE 13 A 15 DE DEZEMBRO

II Festival do filme Anarquista e Punk
DE SÃO PAULO

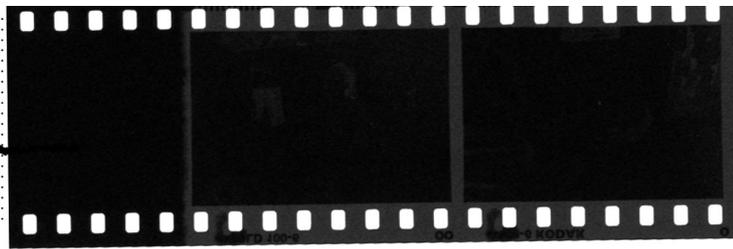
5 a 7 de dezembro | 2014

III Festival do Filme Anarquista e Punk
Tendal da Lapa | Rua Constança, 72 | SP

Inscrições até 31 de agosto pelo site anarcopunk.org/festival

INDICAÇÕES

Leituras sobre
Cinema Anarquista e Punk



Alguns dos filmes que
exibimos durante estes anos...

Cinema e Anarquia – Uma história “obscura” do cinema na França (1895-1935) | Isabelle Marinone

ARENA #1 – On Anarchist Cinema | Richard Porton (org.)

ARENA #2 – Anarchists in Fiction | Stuart Christie (org.)

A Revolução em Película – uma reflexão sobre a relação cinema-história e a guerra civil espanhola | Rafael Hansen Quisani

No Focus – Punk On Film | Chris Barber & Jack Sargeant

Cine y Anarquismo – La Utopia Anarquista em Imagenes | Richard Porton



Indomables: Una Historia de Mujeres Libres (63 min. | 2012 | ZerikuziA | Espanha)
Mujeres Libres foi uma organização autônoma que chegou a reunir mais de 20 mil afiliadas, unindo o feminismo a suas raízes anarquistas, e objetivando preparar as mulheres para que pudessem participar em primeira pessoa da revolução libertária. Este documentário tenta abordar os pensamentos, reflexões, visões políticas e formas com que desenvolviam seus projetos. Conta com entrevistas com Conchita Liaño, Sara Berenguer, dentre outras.

Lúcio: Anarquista, assaltante, falsificador, mas sobretudo pedreiro (93min. | 2007 | Aitor Arregi e José María Goenaga | Espanha)

Este longa-metragem trata da vida do pedreiro e militante anarquista Lucio Urtubia, que durante décadas de diversas ações contra o sistema capitalista, dentre as quais a que causou um prejuízo de dezenas de milhões de dólares ao The First National City Bank of New York (atual Citibank), com os quais apoiou causas anarquistas por todo o mundo.

Squat Toren (38min. | 2012 | Squat Toren | Fortaleza/CE)

Durante dois anos uma fábrica abandonada foi okupada em Fortaleza/CE, criando a primeira vivência de uma ocupação anárquica na cidade. Esse documentário traz algumas das imagens feitas durante e depois da ocupação, além de depoimentos de pessoas que ali viveram e/ou a apoiaram.

Unindo Quebradas (24 min. | 2010 | Núcleo de Atividades O Regicídio Está Por Vir | São Paulo/SP)

Vídeo sobre a cena Anarco Rap de São Paulo, com relatos de diversos militantes das culturas Hip-Hop e Punk que, em seu conjunto, falam sobre as possibilidades que se pode criar a partir da ligação do rap com o anarquismo.

Crass: There Is No Authority But Yourself (64min. | 2006 | Alexander Oey | Inglaterra)

Um filme que aborda a história da banda punk inglesa Crass, que para além de lembrar seu surgimento e diversas ações de combate ao sistema vigente levadas a cabo no fim dos anos 70 e anos 80, retrata também as atuais visões dxs integrantes sobre o passado e o presente.

25 de Julho: Feminismo Negro Contado em Primeira Pessoa (Documentário | 62 min. | 2013 | Do Morro Produções | São Paulo/SP)

Por meio de entrevistas com mulheres negras moradoras da cidade de São Paulo, o documentário discute o significado do 25 de julho como Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha.

Beyond the Screams: A U.S. Latino Hardcore Punk Documentary (29 min. | 1999 | Martin Sorrondeguy | EUA – legendas em português)

Documentário sobre a cena punk latina dentro do contexto norte-americano, com entrevistas diversas, imagens de época e apresentações de bandas como Huasinpungo, Los Crudos, Subsistencia, Sbitch, entre outras.

Uma Parte – Uma parte da história do rock e das culturas subterrâneas em Tucuman e Argentina (Documentário | 2010 | José Saravia/Para el Fuego o Para el Baño Ediciones | Argentina)

Doc sobre a movimentação punk em Tucuman(Argentina) que inclui diversos capítulos abordando aspectos diferentes e de momentos históricos distintos.



Alguns dos filmes que exibimos durante estes anos

Todo Fim É Um Começo (68 min | 2012 | Anarco.Filmes Produções Anarcopunx e Coletivo Cultive Resistência | São Paulo /SP)

Qual o papel dos espaços libertários? Quais as dificuldades que envolvem sua gestão e continuidade? Este documentário trás dezenas de entrevistas com companheir@s de diversas partes que falam sobre suas experiências e visões a respeito dos espaços autônomos e libertários, sua importância e as problemáticas que envolvem a gestão deles, tudo isso no contexto de um evento de três dias de encerramento do Espaço Impróprio, em São Paulo.

Relatos de Uma Cena Anarcopunk (23 min | 2012 | César Medeiros e Danilo Tázio | Natal/RN)

Feito de forma faça-você-mesmx, com recursos zero e muita força de vontade e correria, o filme procura contar como a cultura punk chegou à cidade de Natal/RN, como se organizou e se consolidou com base no anarquismo. Bandas, coletivos, zines, eventos, tudo relatado por alguns dos personagens ativos da cena punk potiguar entre 1980 e 2003.

From the Back Of The Room (103 min. | 2011 | Amy Oden | EUA – legendas em português)

Este documentário narra os últimos 30 anos de envolvimento das mulheres no punk DIY nos Estados Unidos, e conta com mais de 30 entrevistas que abordam temas como raça, gênero, sexualidade, maternidade, classe e ativismo, dando uma imagem mais completa de como essas mulheres participam da comunidade DIY, e como isso afeta suas vidas diárias. **14**

Ácratas (Documentário | 72 min. | 2000 | Virgínia Martinez | Uruguai)

Montado com base em fotografias, filmes da época, materiais de arquivo e testemunhos de sobreviventes, familiares e historiadorxs, o documentário reconstrói com precisão e sensibilidade o roteiro dxs “anarquistas expropriadorxs” no Rio da Prata e concretamente na Montevideo do primeiro terço do século XX. Assim emergem os nomes e os acontecimentos que forjaram, talvez não deliberadamente, parte de nossa identidade nacional [uruguiaia]: os lutadores sociais Miguel Arcángel Roscigno, Buenaventura Durruti e Severino di Giovanni, o sangrento assalto ao Câmbio Messina e a espetacular fuga da penitenciária de Punta Carretas. Tudo isso observado de uma perspectiva atual, crítica e inquieta.

Casa da Lagartixa Preta “Malagueña Salerosa”- 10 anos de experiências anarquistas (Documentário | 75min. | 2014 | Anarco.Filmes, Do Morro Produções e Ativismo ABC | SP)

Este documentário é um pequeno registro das muitas experiências que envolvem os 10 anos de existência e atividade da Casa da Lagartixa Preta, situada em Santo André/SP e gerida pelo coletivo Ativismo ABC. Com entrevistas, imagens e fotografias de arquivo, o filme se propõe também a ser uma contribuição para as reflexões e práticas de gestão em espaços autônomos anarquistas.

Ingovernáveis: Um percurso pela Catalunha anarquista do século XXI (Documentário | 95 min. | 2015 | Gonzalo Mateos | Espanha)

Ingovernáveis busca retratar a realidade do movimento anarquista ou anti-autoritário na região espanhola da Catalunha. O documentário aborda os conflitos sociais dos últimos anos: greves gerais, movimento de indignados, processos de auto-organização em bairros e centros de trabalho, a revolta em Can Vies, a repressão na Operação Pandora, entre outros.

4F – Nem esquecimento, nem perdão (Documentário | 110 min | 2013 | Espanha – legendas em português)

Barcelona: uma festa em um prédio ocupado termina em conflito com a polícia e um policial fica em estado vegetativo após ser golpeado na cabeça por um vaso que cai de uma das sacadas. Sem que se pudesse encontrar culpados para o acidente, a polícia inicia todo um processo de montagem policial e criminalização que levou ao cárcere companheirxs envolvidos com o movimento okupa na Espanha. Este documentário trás a tona a verdade sobre o caso 4F, um caso emblemático que gerou intensa mobilização de apoio por parte de movimentos sociais espanhóis.

Anarca-feministas na Bolívia (Documentário | 15 min. | Sin(a)psis | 2010 | Bolívia)

Produzido pela produtora anarquista chilena Sin(a)psis, este curta retrata as anarca feministas da Bolívia, que falam sobre sua luta e as atualidades do movimento.

pUNk[A]h4ck1ng (Documentário, 33min | Cin’Surgente – [A]filmes | 2016 | Brasília/DF)

Documentário sobre memórias e futuros imaginados da relação entre punk, anarquia e hacktivism.

Montagem: Caso Bombas (Documentário | 81 min | 2013 | Chile – legendas em português)

Através de diversos depoimentos, o documentário “Montagem: caso bombas” constrói um sólido relato que narra de forma crítica e explicativa as diversas situações e acontecimentos relacionados com o conhecido “Caso Bombas”, um caso de montagem político-policial contra diversos grupos e anarquistas no Chile que recentemente teve seu desfecho.